

BREVE ESBOÇO DA TRAJETÓRIA DO LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA GUARANI E ESTUDOS DA PAISAGEM NO CONTEXTO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP

Neide Barrocá Faccio (FCT/Unesp)

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Presidente Prudente, São Paulo
E-mail: nfaccio@terra.com.br

Luís Antonio Barone (FCT/Unesp)

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Presidente Prudente, São Paulo
E-mail: labarone@uol.com.br

Resumo: Este texto apresenta a trajetória dos estudos sobre Arqueologia no interior do curso de Geografia da FCT/Unesp, a partir do histórico de formação e consolidação do Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem (LAG), constituído por um grupo acadêmico que reúne geógrafos, arqueólogos, cientistas sociais e arquitetos. O LAG tem especial atuação na Graduação e na Pós-Graduação em Geografia da referida Faculdade. Os estudos arqueológicos no âmbito da FCT iniciaram-se no ano de 1983. O LAG foi institucionalizado no ano 2000, a partir da inauguração do Museu de Arqueologia de Iepê (Iepê/SP), ganhando a nova e atual configuração – como Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem – no ano de 2016, com o surgimento do Museu de Arqueologia Regional (MAR) na FCT/Unesp.

Palavras-chave: Arqueologia; Laboratório de Arqueologia Guarani; história institucional.

BRIEF OUTLINE OF THE TRAJECTORY OF THE LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA GUARANI AND LANDSCAPE STUDIES IN THE CONTEXT OF THE GEOGRAPHY COURSE OF FCT/UNESP

Abstract: This paper discusses the trajectory of archeological studies inside the geography department of FCT/ Unesp, beginning with the history of the formation and consolidation of the Guarani Archeology and Landscape Studies Laboratory (LAG), constituted by a academic group that joins geographers, archeologists, social scientists and architects. The laboratory has a special role in undergraduate and postgraduate studies in geography at the aforementioned institution. The archeological studies began at FCT in 1983 and the Guarani Archeology Laboratory was established in the year 2000. Since the opening of the Guarani Archeology Museum of Iepê (Iepê, SP), the Guarani Archeology Laboratory received a new and modern design in 2016 – renamed the Guarani Archeology and Landscape Studies Laboratory – accompanied by the formation of the Regional Archeology Museum (MAR) at FCT/Unesp

Keywords: Archeology; Guarani Archeology Laboratory; institutional history.

BREVE ESBOZO DE LA TRAJETORÍA DEL LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA GUARANI Y ESTUDIOS DEL PAISAJE EN EL CONTEXTO DEL CURSO DE GEOGRAFÍA DE LA FCT/UNESP

Resumen: El presente texto discute la trayectoria de los estudios sobre arqueología en el interior del curso de Geografía de la FCT/Unesp, a partir del histórico de formación y consolidación del Laboratorio de Arqueología Guarani y Estudios del Paisaje (LAG), grupo académico que reúne geógrafos, arqueólogos, científicos sociales y arquitectos, pero que tiene especial actuación tanto junto a la Graduación como a lo Postgrado en Geografía de la referida Facultad. Si los estudios arqueológicos en el marco de la FCT se iniciaron en el año 1983, el Laboratorio de Arqueología Guarani va a ser institucionalizado en el año 2000, a partir de la inauguración del Museo de Arqueología de Iepê (Iepê/SP), ganando la nueva y actual configuración - como Laboratorio de Arqueología Guarani y Estudios del Paisaje - en el año 2016, con el surgimiento del Museo de Arqueología Regional (MAR) en la FCT / Unesp.

Palabras-clave: Arqueología; Laboratorio de Arqueología Guarani; historia institucional.

Introdução

A abrangência do quadro conceitual, bem como do ferramental teórico-metodológico que caracterizam a Geografia enquanto empreendimento científico faz dela uma disciplina que, por assim dizer, já nasceu interdisciplinar. O estudo e a análise das interfaces entre a ação humana e os diferentes ambientes naturais são, colocados de uma forma bastante sintética, a principal marca diacrítica e o atestado maior dessa complexidade original da Geografia. Por outro lado, inúmeras são as disciplinas paralelas - auxiliares e/ou usuárias dos mesmos métodos e abordagens - que estabelecem profundas relações, em termos de fazer científico, com a Geografia.

Dentre elas, sem dúvida, figura a Arqueologia. Inúmeros conhecimentos oriundos da Geografia são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica. A própria definição dessa disciplina, que “tem por finalidade o estudo dos modos de vida de comunidades antigas que deixaram suas marcas em ambientes específicos, identificados como sítios arqueológicos” (MORAIS, 1999, p. 4), já denota o parentesco extremamente próximo entre ambas. Portanto, não é de se estranhar que, em cursos de Geografia, a Arqueologia compareça com maior ou menor frequência¹.

¹ Concorre para isso, reforçando essa relação íntima entre as disciplinas, que, no Brasil, quase inexistem cursos de graduação em Arqueologia – como é o caso das três Universidades Estaduais em São Paulo - restando essa especialização científica muitas vezes apenas nos níveis de Pós-Graduação.

O ProjPar e o início das pesquisas arqueológicas na FCT/Unesp

O histórico da Arqueologia no curso de Geografia da FCT/Unesp tem início no ano de 1983, quando a evidenciação do Sítio Arqueológico Alvim, localizado em Pirapozinho/SP (**Foto 1**), mobilizou uma equipe de acadêmicos da Unesp para seu estudo (FACCIO, 2011). Embora não formalmente integrantes do Departamento de Geografia, as docentes-pesquisadoras da FCT que, desde então, se debruçam sobre o tema da investigação arqueológica (Ruth Künzli e Neide Barrocá Faccio) são geógrafas de formação e sempre atuaram no curso de graduação em Geografia desta faculdade.

Foto 1: Cena do trabalho de campo na área do Sítio Arqueológico Alvim, Pirapozinho/SP, no ano de 1980



Fonte: Faccio (2011).

Na ocasião da evidenciação do Sítio Alvim, visando ao desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na área do Projeto Paranapanema (ProjPar), coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes, foi realizado um convênio entre o então Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais da UNESP (hoje Faculdade de Ciências e Tecnologia) e o Museu Paulista (mais tarde desmembrado no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE) da USP, sendo constituída uma equipe para o desenvolvimento de trabalhos na área do Baixo Vale do Rio Paranapanema, lado paulista, sob a supervisão direta do coordenador do ProjPar e, à época, sob a coordenação local da Prof^a Ruth Künzli. Dessa forma, o ProjPar, até então uma

programa exclusivo da USP, passou a ser um projeto de pesquisas arqueológicas interuniversitário.

Embora, outra frente de pesquisas arqueológicas tenha sido aberta nesses muitos anos (caso do Programa de Salvamento Arqueológico do Lago da UHE “Sérgio Motta”, no Rio Paraná, sob coordenação exclusiva de Ruth Künzil), é a partir das pesquisas realizadas pelo ProjPar, no Baixo Vale do Paranapanema, que irão surgir, primeiramente o Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG), depois o Museu de Arqueologia de Iepê (MAI) e, mais recentemente, o Museu de Arqueologia Regional (MAR) – espaços integrados de ensino, pesquisa e extensão que têm formado toda uma geração de geógrafos e arqueólogos e dos quais buscar-se-á recuperar um histórico de sua trajetória, sempre em sintonia com o curso de Geografia da FCT/Unesp.

Entre o final dos anos 1980 e início da década de 1990, na continuação dos estudos arqueológicos do Sítio Alvim, os primeiros acervos arqueológicos ligados ao Baixo Paranapanema foram trazidos para a Unesp, bem como formou-se uma primeira equipe de alunos (sob coordenação da então recém-contratada professora Neide Barrocá Faccio), naquilo que seria o embrião do LAG. O Sítio Alvim - embora com diferentes camadas arqueológicas, evidenciando ocupações de caçadores-coletores, agricultores ceramistas e ocupação colonial jesuítica (FACCIO, 2011) – corroborou as hipóteses de uma abrangente ocupação pretérita, de Tradição Guarani, por todo o Vale do Rio Paranapanema.

Na área do Baixo Vale do Rio Paranapanema, a partir dos vestígios do Sítio Alvim, tem-se que as Aldeias Guarani ocuparam áreas de terraço ou meia encosta de vertentes suaves, com rio, córrego ou ribeirão na base, onde é comum a presença de seixos aptos ao lascamento e de depósitos de argila. Quando estão localizadas próximo à margem do Rio Paranapanema, é comum a presença de um pequeno tributário deste rio, de corredeiras e de lagoas. Esse padrão de assentamento também ocorre nas áreas do Médio e Alto Paranapanema.

As pesquisas arqueológicas em Iepê/SP e a criação do MAI

Essa riqueza da cultura material, especialmente da Tradição Ceramista Guarani, só estimulou mais pesquisas e o crescente interesse na região do Baixo Paranapanema, dentro do ProjPar. Em 1999, foi cadastrado, no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq,

o grupo “Arqueologia Guarani no Estado de São Paulo”, sob liderança da arqueóloga Neide Barrocá Faccio (FCT/Unesp), pesquisadora que, em 2002, passou a coordenar todas as investigações arqueológicas do ProjPar na área do Baixo Paranapanema, na qualidade de subcoordenadora do ProjPar. No entanto, até o ano de 2000, os materiais de pesquisas do ProjPar ficavam acondicionados no Centro de Pesquisas Arqueológicas “Mario Neme”, da USP, em Piraju/SP ou – improvisadamente - na sala de permanência da subcoordenadora do ProjPar, no Departamento de Planejamento da FCT/UNESP. Isso dificultava muito o trabalho, haja vista a distância entre Presidente Prudente e Piraju (mais de 250 quilômetros).

Parte desse problema começou a ser solucionado a partir do ano 2000, com a criação do Museu de Arqueologia de Iepê² (MAI). Esse espaço museal, relativamente pequeno, na verdade teve uma importância cabal no desenvolvimento institucional e acadêmico do fazer arqueológico na FCT/Unesp. E diversos são os motivos, obviamente interligados, que levam a essa afirmação.

Em primeiro lugar, os achados arqueológicos em Iepê, em parte já conhecidos antes de 1999, foram fortemente incrementados a partir desse ano. A estiagem anormal ocorrida no Oeste Paulista interferiu no Lago da UHE da Capivara (cujo represamento das águas do rio Paranapanema fica, em parte, no município de Iepê), baixando muito seu nível de água e deixando à mostra sítios arqueológicos com grande quantidade de peças cerâmicas da Tradição Guarani, muitas delas inteiras (**Foto 2**). Nessa ocasião, um produtor rural, proprietário das áreas lindeiras do lago, mostrou-se entusiasmado com o achado em suas terras e passou a trabalhar (juntamente com sua família) para que aquelas peças arqueológicas fossem expostas em um museu na própria cidade de Iepê.

As coletas sistemáticas de superfície e os trabalhos de escavação nas áreas dos recém-descobertos Sítios Aguinha, Pernilongo e Lagoa Seca, realizados pela equipe do ProjPar da Unesp, foram assistidas *in loco* pelo referido proprietário e seu filho e sucessor (Roberto Eckman Simões e Olavo Santilli Eckman Simões, respectivamente). Os trabalhos chamaram a atenção da imprensa regional, pois revelaram achados inéditos: grandes urnas funerárias, tembetás em resina vegetal, estruturas de casas, pedras lascadas e polidas. Infelizmente, o Sr. Roberto Simões, principal entusiasta de um museu arqueológico em Iepê, faleceu antes de ver concretizado seu sonho. A população de Iepê, no entanto, em especial

² O MAI foi criado a partir de uma parceria entre a FCT/ Unesp e a Prefeitura Municipal de Iepê, SP.

seus educadores e comerciantes, aprovaram a ideia de montar um museu na cidade e também engajaram-se nessa proposta, criando uma situação, infelizmente excepcional em nosso país, de uma comunidade que se mobiliza na luta pela valorização e preservação do patrimônio cultural.

Foto 2: Urna funerária inteira, durante seu salvamento no sítio arqueológico Aguinha (Iepê/SP), em 1999. Da direita para a esquerda: Olavo Santilli Eckman Simões, Roberto Eckman Simões (proprietários da área), Neide Barrocá Faccio (arqueóloga responsável) e André Eckman Simões (filho e neto dos proprietários)



Fonte: Faccio (2011).

A liderança desse movimento coube a Olavo Santilli Ekman Simões, filho do Sr. Roberto. Assim, com assessoria e parceria da equipe de Arqueologia do ProjPar da Unesp de Presidente Prudente, em 2000 foi inaugurado o Museu de Arqueologia de Iepê, expondo o acervo escavado no município. O forte engajamento da comunidade e o sucesso na instalação do museu em Iepê (numa parceria entre a Prefeitura Municipal, a Unesp e a USP) levantou imediatamente a questão de se manter e consolidar esse importante vínculo entre a sociedade e a academia. O Museu de Iepê e o Laboratório de Arqueologia Guarani foram

instituídos quase que simultaneamente. Embora o grupo de pesquisa já estivesse em atuação desde antes na FCT, o surgimento do museu passou a exigir uma maior organização acadêmica, para fazer frente ao enorme trabalho de tratamento das peças resgatadas, bem como ao instigante desafio de criar projetos e ações de educação patrimonial para envolver, de forma mais esclarecida, a comunidade ipeense com o patrimônio cultural local (**Foto 3**).

Figura 3: Vista parcial da exposição permanente do MAI/Iepê



Fonte: Faccio (2011).

Dessa forma, além de garantir um espaço para exposição de um relevante acervo, o MAI possibilitou toda uma reflexão e também uma práxis acadêmica que unem pesquisa, ensino e extensão. O surgimento do projeto de Extensão Universitária “Museu-Universidade”, longo experimento de integração entre a comunidade acadêmica e o público em geral surgiu exatamente para garantir a formação de equipes (integradas por alunos e ex-alunos da FCT, professores das Redes Estadual e Municipais de Ensino da Região e segmentos especiais da população – como a terceira idade) capacitadas para reconhecer a importância do patrimônio material, bem como desenvolver, junto aos alunos e comunidades, atividades didático-pedagógicas que revelem aspectos das culturas ameríndias, que vão além dos estereótipos mais disseminados.

O LAG, o MAR e a ampliação do escopo de sua atuação

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 1, Dossiê “60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT, p. 96-106, jan-jun, 2019.

ISSN: 2176-5774

No bojo desse longo projeto de extensão: Museu-Universidade e em complementaridade com outros com vigência menor, o LAG desenvolveu recursos pedagógicos e unidades didáticas sobre Arqueologia, Patrimônio Cultural e Etno-História Regional, específicos para o Ensino Fundamental. Destaca-se, neste quesito, a imensa participação de alunos do curso de Geografia da FCT, que puderam ter um primeiro contato com a sala de aula da Educação Básica na qualidade de “professores”, além de – em muitos casos – serem os desenvolvedores de oficinas (aulas práticas) sobre arte indígena. Além das ações voltadas para o Ensino Fundamental, uma importante experiência que o LAG mantém, por meio de diferentes projetos de pesquisa e extensão, é com o grupo de professores da escola instalada na Terra Indígena Vanuïre, localizada no Município de Arco-Íris/SP (**Foto 4**). Nesse caso, uma pesquisa colaborativa ainda em curso (no ano de 2019), mobiliza esses professores (eles mesmos integrantes da comunidade indígena local) para que “escrevam a própria história” (BARONE; FACCIO, 2018).

Figura 4: exibição artística tradicional dos índios Kaingang (T. I. Vanuïre – Arco-Íris/SP), abril de 2004



Fonte: acervo do LAG (2006).

A implantação do MAI (no ano de 2000) iniciou essa ação mais ligada à extroversão dos conhecimentos e dos vestígios evidenciados pela pesquisa arqueológica. Tal dimensão da ação curatorial só vai se consolidar mais e mais, ao longo dos anos. O Laboratório, por

sua vez, acabou por ganhar um espaço mais adequado, sendo instalado, no ano de 2006, no Núcleo Morumbi da Unesp (unidade complementar da FCT). A partir daí – e com sucessivas ampliações – o LAG teve condições de reunir um número maior de pesquisadores (docentes e estudantes de graduação e pós-graduação) e, conseqüentemente, abrir um leque de interesses e de ações que resultam em sua configuração atual.

Se o surgimento das pesquisas e reflexões que criaram o LAG estão intimamente ligadas ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e com sua Pós-Graduação em Arqueologia, a diversificação dos projetos e das ações no Laboratório irá naturalmente resultar numa aproximação e alinhamento com a Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp. Dessa forma, embora mantendo seu foco na Arqueologia Ameríndia e desenvolvendo estudos sobre a tecnopologia e as cadeias operatórias de produção de peças e instrumentos evidenciados nos muitos sítios prospectados (algumas das abordagens tradicionais da arqueologia) e além de práticas curatoriais ligadas ao tratamento de acervos arqueológicos, a equipe passou também a derivar análises sobre o que Morais (1999) define como “fator Geo”.

Assim, ampliaram-se as pesquisas sobre os diferentes aspectos ambientais que contextualizam os sítios arqueológicos, surgindo, no interior do LAG, reflexões sobre a geomorfologia e o sistema de vertentes (CASSETI, 2001) nos quais os sítios se inserem e, portanto, os geossistemas (DAVES, 2018) que condicionam os assentamentos pretéritos. Enfim, passou-se a tratar conceitualmente, a partir das teorias da Geografia, das paisagens que identificam e caracterizam os sítios, tanto no passado – quando estes eram assentamentos plenamente ocupados - quanto atualmente, na qualidade de registros arqueológicos.

Tais preocupações teórico-metodológicas, advindas sobretudo do diálogo com outros geógrafos da FCT, levaram à redesignação do LAG, que passou a se chamar “Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem”. Também pode-se dizer que a redefinição desse espaço acadêmico acabou por se materializar – por assim dizer – na inauguração, em 2016, do Museu de Arqueologia Regional (MAR), instalação gerida pelo LAG e que amplia o escopo das pesquisas para além da Geografia, na medida em que tematiza também o patrimônio cultural de forma geral, a etno-história e diferentes práticas museais (**Fotos 5 e 6**).

Fotos 5 e 6: acervo do MAR e oficina de restauro de peças arqueológicas, respectivamente.



Fonte: acervo do LAG (2017)

Como exemplo ilustrativo dessa nova preocupação, aprofundou-se o debate e a reflexão sobre as distintas práticas curatoriais. Segundo Bruno (2008),

a definição de curadoria, contextualizada pela trajetória de museus, está apoiada na constatação que os acervos e coleções exigem cuidados que, por sua vez, são reconhecidos como procedimentos técnicos e científicos e têm sido responsáveis pela organização de metodologias de trabalho de diferentes ciências. (BRUNO, 2008, p. 19).

A autora, supracitada, esclarece que desde sempre as atividades de curadoria estavam relacionadas a pesquisas de diferentes campos de conhecimento associadas a atividades de conservação e documentação das coleções. Na atualidade, no entanto, no encaminhamento da curadoria é imprescindível a gestão da extroversão dos bens patrimoniais, buscando ações concretas de comunicação e educação. Segundo Cury “o processo curatorial organiza o cotidiano em torno do objeto museológico, mas traz à luz do processo um outro elemento constituído do que entendemos ser o museu: o público” (CURY, 2019, p. 33).

Por uma conclusão: desafios e perspectivas do LAG

O LAG tem procurado seguir o preceito, que vai ao encontro de uma ciência mais cidadã e participativa, notabilizando-se pela pesquisa sim – com toda uma geração de novos profissionais da Arqueologia e da Geografia ali formados – mas também objetivando envolver e capacitar agentes de diferentes segmentos sociais na apreciação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural brasileiro. Prova disso são as publicações editadas no

bojo dos estudos do Laboratório (como a série de livros “Os Primeiros que Chegaram”), que prezam pelo rigor acadêmico e científico, mas têm um formato que garante uma circulação mais ampla, como acervo para bibliotecas escolares e mesmo para o grande público.

Muito há que se fazer ainda, não só na área museal, na qual os pesquisadores do LAG - com maior ou menor qualificação - buscam uma especialização na prática (a própria Unesp não conta sequer com um museólogo de formação), mas também na interface teórico-metodológica entre Arqueologia e Geografia. Este último desafio, ressalta-se, é particularmente instigante, posto que o conhecimento científico se desenvolve a partir desse tipo de confrontação.

Referências

BARONE, L. A.; FACCIO, N. B. The contribution of collaborative research and heritage education on the memory and reinforcement of identity in an indigenous village: reflections of an experience in the western region of São Paulo State (Brazil). ARKEOS - perspectivas em diálogo, v. 1, p. 210-217, 2018.

BRUNO, M. C. O. Definição de Curadoria: os caminhos, o tratamento e extroversão da herança patrimonial, p. 14-23, in: Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadoria, exposição e ação educativa, Belo Horizonte, 2008.

CASSETI, V. Elementos de Geomorfologia. Goiânia: Editora VFG, 2001

CURY, H. M. X. Museologia, novas tendências. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~tassio/TMP/da-mana/MAST.pdf> Acesso em 11 fev. 2019.

DAVES, L. F. Arqueologia da Paisagem na área do Médio Paranapanema: Sítio Arqueológico Piracanjuba, SP. (Dissertação de Mestrado) Presidente Prudente, FCT/UNESP, 2018.

FACCIO, N. B. Arqueologia Guarani na área do Projeto Paranapanema: Estudo dos Sítios Arqueológicos de Iepê/SP (Tese de Livre-Docência). S.P., MAE/USP, 2011.

MORAIS, J. L. A Arqueologia e o fator geo. Revista do museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: MAE/ USP, nº 9, p. 3-22, 1999

MORAIS, J. L. Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista. (Tese de Livre Docência). S.P., Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1999.

Submetido em: Fevereiro de 2019

Aceito em: Maio de 2019